

LITURGIA

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO E SUA CELEBRAÇÃO

Pe. Mauro Domesi

A carência de uma catequese renovada e transformadora e a conseqüente falta de aprofundamento litúrgico nas assembléias celebrativas, até mesmo em pequenos grupos já cansados ou ativistas, provoca hoje um certo contraste, conflitos ou até mesmo uma antipatia entre as massas carismáticas e a base popular. Pentecostes, dom das línguas, curas ou milagres atraem multidões. Atribuem-se ao Espírito Santo dons e carismas que acomodam ou instalam as pessoas em sua limitada visão de espírito. Membros de CEBs comprometidas se queixam diante da influência de carismáticos em sua área geográfica.

Por sua vez, carismáticos mais perspicazes observam também a falta de uma espiritualidade maior nos membros das bases mais comprometidas. Em ambas as situações, torna-se necessário um equilíbrio entre o temporal e o espiri-

tual e, ao mesmo tempo, um aprofundamento maior quanto à mística do Espírito que “renova a face da terra”.

Sem pretender discutir ou duvidar dos valores das pessoas que sentem “na força do Espírito”, cabe aqui um pequeno esforço de discernimento: nem tudo o que presenciemos é força do Espírito. O ambiente, a energia psico-social ou os fenômenos próprios das grandes aglomerações poderão atribuir ao Espírito Santo aquilo que é próprio do nosso espírito humano. Por sua vez, sem uma mística comprometida com as energias do Espírito Santificador, as bases da Igreja comprometida poderão perder a sua força caindo no ativismo, no vazio ou até mesmo no interesse particular. A energia do Espírito Santo requer de todos nós uma maior compreensão de sua linguagem comunicadora.

Baseados em algumas premissas e interrogações, poderemos partir do significado do sentido bíblico do Espírito para aplicá-lo às realidades da vida concreta. Estamos até “viciados” em “invocar o Espírito Santo”, quando Ele sempre está presente na vida. Ao invés de continuar a invocação, poderemos celebrá-lo nos acontecimentos vitais, sobretudo nas circunstâncias sofridas da vida que reclamam por uma mudança social e se alegram pelas vitórias obtidas graças a essa energia espiritual sempre presente e atuante.

A celebração no Espírito e com o Espírito nos liberta em Jesus Cristo, assim como foi Ele unguido pela energia do Espírito em sua luta pelo projeto do Reino do Pai para que se cumprisse toda a justiça (Lc 4,18-19).

1. ALGUMAS CONSTATAÇÕES

“No dia de Pentecostes, de repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam.” (At 2,1-2). Assim inicia a Bíblia a descrição do Espírito que gera Igreja. Começaram todos a falar em outras línguas e todos, cada um na sua própria língua, ouviam e entendiam os discípulos falarem.

Indevidamente, seitas diversas, cristãos pentecostais e católicos em geral, interpretam esta mensagem de um modo introvertido e exclusivista. A falta de um discernimento do Espírito os torna fechados à ação do mesmo Espírito Santo que é vida, testemunho e transformação. Confundem-se por vezes os dons do Espírito Santo com o sentir-se em harmonia, com louvores momentâneos ou até mesmo com o fenômeno da aglomeração humana que atrai multidões já “convertidas ao belo festivo”. A apropriação indébita do Espírito acaba queimando etapas e empanando a mente ao sentido da conversão-testemunho.

Toda a seqüência dos Atos dos Apóstolos centraliza a sua mensagem na coragem evangélica dos apóstolos como testemunhas do Espírito através do compromisso transformador. Gerando conflitos e perseguições, os apóstolos e discípulos de Jesus Cristo, interiorizaram e exteriorizaram a força do mesmo Espírito através de sua luta pelo projeto do Reino que Jesus veio revelar e confirmar com sua ressurreição.

Tal projeto insiste na luta pela conquista de um mundo igualitário, baseado na justiça fraterna. “De fato, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o

mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele.” (Jo 3,17)

Com freqüência podemos presenciarmos massificações de pessoas em estádios, templos ou aglomerações “em nome do Espírito Santo”. Deparamo-nos com uma forte massa compacta, sem dúvida, cheia de alegria, de respeito mútuo e fraternidade. Porém, analisando em profundidade, nos questionamos: se o Espírito é invocado para “renovar a face da terra”, até onde perceberemos sua força de transformação espiritual e social? Por que tanta dificuldade em se entender o sentido de uma fé comprometida ou, melhor esclarecendo, a uma união cristã entre a fé e a política? Afinal, qual a linguagem do Espírito que poderá possibilitar a comunicação entre todos, apesar da diversidade de culturas?

“A luta pela vida, em especial na América Latina, as reivindicações populares, os movimentos de base que se solidificam e se juntam à massa comprometida, as CEBs, não estão reconstruindo a experiência da unidade de línguas na comunhão, na partilha, na luta e na oração através de um novo jeito de ser Igreja? Pelo menos no jeito e nos gestos, falam a mesma língua.”¹

Baseados nestas e outras interrogações, parece-nos oportuno analisar aqui o Espírito em si mesmo, o seu sentido na vida do Antigo e do Novo Testamento. Sendo Ele libertação, cabe-nos também interpretá-lo dentro dos requisitos concretos que convertem e transformam. Isto tudo vai exigir uma prática ou um agir transparente onde a força do Espírito impele ao testemunho concreto.

Finalmente, poderemos celebrar na vida esta ação do Espírito Santo. Com efeito, unindo-nos a Cristo, constituímos com Ele “um só Espírito” (1 Cor 6,17). Mas um Espírito que, longe de nos afastar das realidades concretas da vida, nela nos mergulha, para que tudo seja transformado na “nova humanidade” (Ef 2,15).

Dentro das urgências de uma pastoral urbana atualizada, a ação do Espírito Santo nos desafiará sob o complexo ângulo da cidade, nos seus valores e contra-valores.

2. O QUE É O ESPÍRITO?

No Antigo Testamento, é o sopro, o *ruah* (palavra hebraica de origem feminina), assim como o vento.² As vezes

1. Cf. *Comentários aos Atos dos Apóstolos*, Centro de Estudos Bíblicos, Ed. Paulinas, 1983.
2. *Vocabulaire de Théologie Biblique*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1962. Cf. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, Paulus, São Paulo, 1993.

violento (Ez 13, 13; 27,26), outras vezes calmo como um murmúrio (I Rs 19,12). O Espírito é também o sopro respiratório (Gn 2,7; 6,3), frágil e vacilante, mas que possui a força própria para animar o corpo e a massa.

Referindo-se ao Espírito de Deus, trata-se de uma força capaz de gestos excepcionais. O povo de Israel se sente chamado a receber este Espírito sendo então consagrado ao Deus da Aliança dentro de um messianismo de salvação, de uma linha profética englobando a palavra e o testemunho dos sacrifícios próprios.

Na linha da salvação, os juízes de Israel se sentem na força da responsabilidade em conduzir o povo de Israel para a libertação (Jz 3, 10; 11,29; 6,34). Na profecia exílica e pós-exílica, fala-se da concessão do Espírito de Deus a todo o povo de Israel. (Ez 36,27; 37,14; 39,29). Em decorrência disto, após a destruição do templo e da cidade, Israel considerou necessária uma renovação profunda de todo o povo de Deus, o que só era possível através de um "novo coração e um novo Espírito".

Os reis de Israel, através do rito da unção, se sentem consagrados e investidos pela força do Espírito (I Sm 10,1; 16,3). Trata-se, em suma, da vivificante força criado-

ra de Deus, tal como se pode perceber dentro de uma energia de vida da forma mais originária no vento/respiração do homem. Assim, o "Espírito" nos seres vivos e o "Espírito de Deus" não constituem duas realidades disparatadas, mas um só e mesmo elemento vitalizante que demonstra, da forma mais enérgica ao homem, a sua dependência de Deus, o Criador e Espírito vivificante. (Cf. Pr. 12,7)

O Novo Testamento desenvolve a energia do Espírito dentro de um discernimento dos dons de Deus ou carismas do Espírito Santo. Assim como na linha do Antigo Testamento, o Novo Testamento vê no homem um ser complexo, composto de corpo, alma e Espírito (Cf. I Ts. 5,23) e no Espírito uma força inseparável do sopro e da vida (Lc 8,55; 23,46), sensível a todas as emoções (Lc 1,47; Jo 11,33; 13,21). Em muitos casos, sobretudo na teologia paulina, torna-se difícil a distinção se a palavra "espírito" designa o homem ou o Espírito de Deus. O fundamental encontra sua lógica na constatação de que o Espírito do homem é habitado pelo Espírito de Deus que o renova (Ef 4,23; Rm 8,16; 8,26).

Para a Igreja, o Espírito constitui essa presença contínua através de seus sinais. Os carismas ou

dons do Espírito Santo passam a contribuir para a edificação da Igreja (I Cor 12,7; 14,4) e para a consagração do Templo de Deus na imagem da pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus (I Cor 3,16; Ef 2,22) em estreita união com o Corpo de Cristo (I Cor 12,13).

3. O ESPÍRITO LIBERTA E TRANSFORMA

No Pentecostes, nascemos e renascemos continuamente. Nasce-mos para a vida no Espírito e renascemos para o projeto de Deus. Na comunidade cristã, cada pessoa é um presente do Espírito Santo para formar comunidade. E na união é que se forma o Corpo de Cristo, o Templo do Espírito Santo.

No contexto de Pentecostes, era natural que os discípulos de Jesus sentissem medo das autoridades judaicas, pois estas haviam condenado o ensinamento e o método do Mestre. No entanto, quando tomam consciência de que Jesus continua neles pela força do Espírito Santo, assumem com coragem a missão: tirar o pecado do mundo, isto é, transformar a realidade. Pentecostes é, sem dúvida, um fe-

nômeno estranho: *"É ele o momento em que as primeiras comunidades tomam consciência de sua missão e se deixam possuir pela força revolucionária que vem do chão e quer elevar a pessoa humana em sua dignidade. Nesse sentido, o Espírito Santo não se impõe como autoridade, mas quer agir nos discípulos com liberdade, protegendo e reunindo aqueles que buscam e se empenham pela mudança da sociedade, pela eliminação do pecado."*³

Com efeito, conduzir as pessoas a uma verdadeira libertação em Jesus Cristo através da energia do Espírito Santo constitui um dever de consciência e de prática cristã. Encontros festivos, radiantes, emocionantes, atraentes, sem a mística contínua da coragem com o Ressuscitado, correm o risco de permanecer no verticalismo, desligado do mundo em que pisamos. Da mesma forma, o simples ativismo, a luta pelo humano e social, destituída de um amadurecimento da fé na vigência prática do mistério de salvação, não coaduna também com o sentido evangélico do Espírito da Ressurreição. Torna-se necessário um equilíbrio de mente e

3. Gonzatto, Ondina, *Subsídios para Grupos de Rua, Região Episcopal Belém, na Festa de Pentecostes de 1994*: apostila.

de corpo para que a ação do cristão possa conduzir à verdadeira libertação. Conforme afirmou o escritor uruguaio Mario Benedetti em suas "Letras de Emergência": *"La liberación no empieza en las calles y en los muros. En la calle y en los muros continúa, pero, en realidad, empieza en la mente y en el corazón."*⁴

Esta liberdade de mente e de corpo poderá ser observada, sobretudo nas comunidades oprimidas que lutam nas reivindicações populares pela terra, moradia, saúde, em trabalhos de multirões, ocupações, celebrações, reuniões, estratégias e atividades afins.

Sem uma mística do Espírito que converte e transforma, tais comunidades correm o risco do ativismo, desânimo, acomodações ou até mesmo a troca de bandeira. Sem a prática constante desta mística comunitária, o mutirão poderá se desculpar com o *"já tenho a minha casa, o meu terreno"* ou o *"já consegui um plano de saúde porque ele tem mais garantia"*. A energia do Espírito Santo é para tudo, para todos e para todos os tempos. O Espírito sopra sempre,

assim como o ar que aspiramos e inspiramos. Isto tudo, porém, requer uma estreita ligação com o mundo em que pisamos. A libertação pelo Espírito acontece desde já na vida real, no contato com as situações diversas que devem ser assumidas e transformadas (*"...e renovareis a face da terra"*).

*"Conversão, neste caso, significa comprometer-se lúcida, realística e concretamente. Não só com generosidade, mas também com a análise da situação e estratégia de ação. A Igreja em ação não poderá, neste caso, se desvincular do mundo com suas realidades econômicas, políticas e sociais."*⁵

Com efeito, tal libertação está estritamente ligada à conversão dentro de um comprometimento com o processo de libertação dos pobres e oprimidos de um modo lúcido, realista e concreto. Não basta para isto a simples compaixão, a caridade generosa do *"dar sem esperar receber"*. Tal processo de libertação exige também a análise da situação e uma estratégia de ação.⁶

Tudo isto, porém, deve ser en-

carado dentro da lógica da mistagogia recriando até uma nova mística dentro das celebrações da vida concreta. Pois não basta saber onde mora o Senhor. É necessário também ir, ver e permanecer com Ele (Cf. Jo 1,35-39).

Neste caso, *"a vida espiritual ou o viver segundo o Espírito"* significa manter harmonioso equilíbrio em face das manifestações da vida: Deus, os irmãos e o mundo. Será um projeto que não se furta às necessidades materiais da vida transformando o mundo e ordenando-o segundo os desígnios de Deus. Uma vida que acolhe os pequenos, mas não se deixa abater pela morte, que é vista como integrando a natureza criada, mas nunca como um fato definitivo, único e derradeiro.⁷

4. O ESPÍRITO QUE FAZ CELEBRAR

Celebrar (do latim *celeber*, ou *célebre* em português), vem revelar a importância do acontecimento através dos gestos, símbolos, palavras e atitudes. O ser humano celebra em sua vida os seus diversos acontecimentos. Para o ser cristão, tais acontecimentos decorrem

à luz da pessoa de Jesus Cristo, o qual veio revelar o plano do Pai na economia da salvação. Com o Pai e com o Filho, a Igreja entra também na alegria do Espírito Santo (Lc 10,21), pois quem optou pela vida segundo o Espírito, isto é, pela existência autêntica, *"ainda que morra, viverá"* (Jo 11,25; 8,51; 6,40).

Tratando-se do Pentecostes, recebemos a força, o dinamismo trinitário. *"Tornamo-nos divinizados, participando do Corpo de Cristo Glorificado (Fl 3,21). Pelo Espírito, a liturgia nos comunica então as energias divinificadoras do Espírito dentro da economia da salvação: a manifestação, a transformação, a comunicação do mistério. É a energia do Espírito, ou então, a "sinergia da luz".*⁸

Entretanto, não é suficiente a beleza desta revelação. A celebração do Espírito dentro do mistério da salvação, não constitui um ato mágico nem uma simples admiração. Cabe a nós o acolhimento, a resposta e a conversão. Com isto, estaremos em comunhão com a unidade de amor e estaremos celebrando de verdade o mistério agora revelado. Com efeito, Jesus Cristo, o revelador do plano de vida

4. Boff, Clodovis, *Ensaio de Libertação - Fé e Militância 2*, Ed. Vozes, São Paulo/Petrópolis, 1991, p. 93-94.

5. Vannucchi, Aldo, *Liturgia e Libertação*, Ed. Loyola, São Paulo, 1992, p. 71.

6. Gutiérrez, *Teologia da Libertação*, Ed. Vozes, Petrópolis, p. 223, 1976.

7. Zamagna, Domingos, *O Espírito Santo, sua força de união dos pobres*, Revista de Liturgia ano 16, Nº 93, maio-junho de 1989, p. 79.

8. Corbon, J., *"Liturgia da Fonte"*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1981, p. 78.

plena do Pai, foi ungido pela energia do Espírito para cumprir a obra da justiça (Lc 4,18-19), energia esta que o lançou na luta para além de suas forças humanas: “Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo” (At 10,38).

Tal celebração do Espírito Santo reúne, converte e compromete. Sua bandeira é o próprio sinal da presença do Espírito Santo. Ela abre caminhos, porque o Espírito de Deus não é parado. É vento que sopra, é dinamismo e ação concreta. “Jesus iniciou com essa energia, um movimento de libertação. Lutou por um novo modelo de sociedade assim como Javé o idealizou para o seu povo: uma sociedade onde os bens sejam reparados e a mesa seja farta.”⁹

Nossas igrejas nem sempre valorizam a importância celebrativa destas energias espirituais: às vezes caem no ativismo; outras vezes, contentam-se em “preencher os espaços celebrativos” com cantos, leituras, encenações, aplausos, palmas em ritmo; geralmente correm nas leituras ou nos “coman-

dos” de um comentador e se esquecem, por exemplo, da interiorização de um silêncio comprometedor. Pois a celebração litúrgica que não convence não converte, não transforma e não compromete. Neste caso, a linguagem do Espírito Santo não comunicaria vida. “Tudo isto foi provocado, em grande parte, pelas próprias igrejas que formalizaram a sua liturgia de tal modo que esta não se relaciona mais com a vida concreta das massas.”¹⁰

Não deixamos de acreditar que os grandes carismáticos ou as concentrações de massas constituam também uma celebração festiva. O que nos chama a atenção é o sentido em si mesmo da energia do Espírito. Se afirmamos que Ele vem para “renovar a face da terra”, esse mesmo Espírito mexerá com as estruturas sociais de poder, levando as pessoas à prática libertadora de Jesus Cristo através do serviço de comunhão transformadora.

Não basta invocar simplesmente o Espírito Santo, pois Ele já está presente em nosso chão. Em nossas igrejas e comunidades cristãs, o Espírito deverá mover os cris-

tãos a se organizarem como Igreja viva, lutando por um projeto de vida igualitário, reunindo e comprometendo aqueles que se empenham pela eliminação do pecado e pela implantação da justiça do Reino de Deus. A grande massa de “fiéis” que se concentram em estádios, praças, templos ou mesmo a comunicação do Espírito Santo através do rádio e da televisão, deveria mover as pessoas a um empenho comunitário e organizado. Seria esta a “renovação da face da terra”.

Da mesma forma, em nossas celebrações litúrgicas comunitárias, está na hora de deixar de lado a entrega de “línguas de fogo” de papel ou de bilhetinhos com os sete dons. Em lugar disto, as equipes de liturgia e de celebração poderão apresentar, em forma celebrativa e comprometedora, gestos ou sinais referentes aos desafios pastorais que estão unindo os grupos de base na luta pela renovação da sociedade. Afinal, esta linguagem do Espírito comunica vida em comum e faz brotar vida em plenitude.

De um modo especial, em nossa Arquidiocese de São Paulo, nes-

tes tempos de revisão do 6º Plano Pastoral e caminhada de elaboração para o 7º Plano Pastoral, as Bandeiras do Divino poderão reluzir vivamente em nossas celebrações comunitárias.

5. O ESPÍRITO SANTO NOS DESAFIOS DA CIDADE

A cidade constitui um grande desafio perante a questão da pastoral e da liturgia. “Nela se forja hoje o homem urbano, em seu meio técnico-científico-industrial; bombardeado pelos grandes meios de comunicação social; tentado pelo secularismo e influenciado por ideologias dominantes, como o liberalismo e o coletivismo marxista.”¹¹

As cidades sofrem o inchaço populacional dentro de condições mínimas de sobrevivência. A população urbana passa de 36,16% em 1950 para 67,6% em 1980.¹² Na região metropolitana de São Paulo, 450 mil famílias (1,7 milhões de pessoas) são miseráveis: sofrem simultaneamente carência de moradia, educação, emprego e renda. Representam 11% das 3,9 milhões de famílias da Grande São Paulo.¹³

9. Gonzatto, Ondina, *Subsídios para Grupos de Rua, Região Episcopal Belém, na Festa de Pentecostes de 1994*: apostila.

10. Comblin, José, *A presença do Espírito Santo nas liturgias da América Latina*, Revista de Liturgia ano 16, Nº 93, maio-junho de 1989, p. 69.

11. Bernardino, Angélico Sândalo, *Culturas y Evangelización*, Ed. Aby-Yala, 1992, Cultura Urbana Emergente y evangelización, p. 200.

12. Wilhein, Jorge, *As cidades da Nova República, Política Urbana*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 31.

13. Jornal “Folha de São Paulo” de 20/3/1993, Pesquisa de Condições de Vida.

Além disto, a migração do campo para a cidade leva consigo uma considerável perda de identidade. O homem urbano, em conseqüência da migração, cai na cidade sem preparação alguma por parte da sociedade, da Igreja e do Estado. *"Nossas propostas pastorais e celebrativas, em geral, possuem um estilo de cidades pequenas ou zona rural e não atingem a linguagem do homem da metrópole."*¹⁴ Como conseqüência, a linguagem do Espírito Santo ou não atinge as pessoas ou as manipula conforme a situação. Reclama-se de um esvaziamento de fiéis nos templos ou paróquias. Atribui-se, por vezes, o fato ao fenômeno das atrações das seitas, movimentos pentecostais ou religiosidade à procura de "milagres" ou curas imediatas. Quaisquer que sejam as atribuições, o fato é que não dispomos ainda de uma pastoral litúrgica e pastoral urbana adequada às necessidades da cidade. *"A expulsão do homem do campo e o conseqüente processo urbanizatório brasileiro reflete, passo a passo, as conseqüências da instalação do capitalismo associado à*

*concentração de benefícios a uma minoria privilegiada, enquanto amplos setores da população urbana estão condenados a viver à margem do poder político e dos bens de consumo coletivo. Aliadas ao crescimento, as cidades sofrem pela postura de autoritarismo ou descaso do papel do Estado. Em termos de economia, o grupo que está no governo se apropria da máquina governamental em proveito próprio."*¹⁵

Os desmandos administrativos e o descontrole político geraram a corrupção generalizada e causaram os "cinturões de miséria" no aglomerado das grandes cidades. *"A conseqüência de uma falta de ética produz, de um lado, o acúmulo e de outro a especulação que gera miséria. Sobretudo no homem do campo, enganado pelas falácias dos Meios de Comunicação Social que prometem uma vida fácil e farta na cidade, sofre duplamente pela falta de uma legislação de amparo social na cidade e a conseqüente ausência de uma política agrícola voltada para o pequeno produtor rural."*¹⁶

Entretanto, voltando ao ponto de

referência sobre a pastoral e a liturgia da cidade, descobrimos, aqui e acolá, sinais positivos de pastoral e de celebração solidárias ligados às CEBs e aos Movimentos Populares. Em grande parte, tais referências estão ligadas às paróquias ou organizações comunitárias, as quais enfrentam formas de resistência organizada. Além dos assentamentos em áreas rurais, os quais estão sendo apoiados pela pastoral da cidade, a própria cidade continua descobrindo e conquistando espaços de luta em ocupações de loteamentos urbanos e seus respectivos mutirões de construções de casas populares. Comissões específicas se organizam dentro do Movimento Popular pela saúde com reivindicações e exigências qualificadas, no resgate pelas condições sanitárias. Movimentos de defesa do favelado lutam pela conquista do espaço e de sua conseqüente urbanização.

A Pastoral dos encortiçados une as suas forças dentro do intrincado e concentrado aglomerado sub-urbano. No mundo do trabalho, além da luta por sindicatos autônomos autênticos, persevera com dificuldade a luta contra o desemprego, a reconquista de salários mais jus-

tos ou a atual conquista pela cidadania. O sistema educacional revela suas carências mas encontra, também ele, o eco reivindicatório da população organizada. Na questão fundiária, cidade e campo dão-se as mãos: fundam-se cooperativas agrícolas com produtos naturais provindos dos assentamentos rurais, sem atravessadores, onde vai se ampliando o apoio humano na obtenção de alternativas para a Reforma Agrária Popular.¹⁷

De modo particular, a coletivização das ocupações do solo urbano resultou de importantes mudanças na cultura política. Após os longos anos de trabalho, com iniciativa das Comunidades Eclesiais de Base e com a inspiração da Teologia da Libertação, parte significativa da população marginalizada tomou consciência de sua cidadania.

A partir do chamado de uma igreja, comunidade eclesial ou associação de moradores, pessoas que viviam em favelas, cortiços ou de aluguel passaram a reunir-se periodicamente e a reivindicar sua inclusão nos programas oficiais dos "sem teto", "sem terra", "sem casa", conforme a região ou o país.

Partindo do processo de elaboração da Constituição Brasileira

14. Wilhein, Jorge, *ob. cit.*, p. 202.

15. Cf. Schmidt, Benício Vieira, *O Estado e a Política Urbana no Brasil*, Porto Alegre, Ed. UFRGS e LPM, 1983, p. 122.

16. Cf. Oliven, Ruben G., *Urbanização e Mudança Social no Brasil?* Ed. Vozes, Petrópolis, 1983, 3ª edição, p. 67.

17. Na capital de São Paulo, experiências diversas estão sendo realizadas em Iperó, Itapeva, Porto Belo, etc.

(1987-1988), não apenas os movimentos, mas também sindicatos, associações profissionais, institutos de pesquisas e entidades de assessoria uniram-se em torno da emenda popular de reforma urbana, que recolheu 160.000 assinaturas. Foi positivo o esforço, pois o texto constitucional acabou por reconhecer a função social da cidade e da propriedade e atribuiu aos planos diretores a função de concretizar esses conceitos, adequando-os à realidade de cada município e fixando penalidades para os proprietários que deixarem seus terrenos sub-utilizados. A primazia do direito à moradia sobre o direito de propriedade foi reconhecida, com a instituição do usucapião pró-moradia, após cinco anos de posse.

O Estado vem enfrentando um ataque duríssimo de setores retrógrados, como a TFP (Tradição, Família e Propriedade) e de representantes do capital imobiliário, como a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). Pressões diversas, especialmente devido à troca de governo, tentam desarticular os movimentos com cortes de verbas, descaso ou até perseguições fiscais ou policiais.

*“Como era necessário conter as pressões políticas e a participação de setores urbanos, adotou-se uma política de desmobilização, levando a repressão aos movimentos sociais e o controle político através da manipulação dos mecanismos eleitorais.”*¹⁸

Apesar de tudo, os movimentos prosseguem no esforço da obtenção de seus direitos. O ponto alto dessa luta verifica-se no esforço conjunto pelo acesso aos fundos públicos através da campanha pela criação de um Fundo Nacional de Moradia Popular, materializada em um projeto de lei de iniciativa popular que obteve um milhão de assinaturas no ano de 1991.¹⁹

Ainda com referência à Igreja ou à energia do Espírito que acompanha as lutas populares, o profundo sentido das celebrações da Palavra e da Eucaristia reforçam a mística desses movimentos. A cidade em si mesma é uma realidade humana e não pode permanecer indiferente à teologia atual. Ela está situada dentro das realidades terrestres, humanas e concretas. É nesta realidade que o Espírito age demonstrando a sua força de transformação e de comunhão. Apesar de todo secularismo, liberalismo,

perda humana de identidade ou desespero de subsistência, o homem da cidade leva, em geral, dentro de si as duas dimensões: a horizontal e a vertical. O seu relacionamento com o mundo não o exclui do contato com Deus. *“Dentro do complexo mundo da teologia, cabe relacionar a evangelização com o fator humanização; as realidades concretas da vida do homem da cidade com a realidade do cristianismo. Ou então, o problema clássico entre natureza e graça, natural e sobrenatural.”*²⁰

Creemos que esta energia de ação, exigindo perseverança, luta contínua e esperança em solidariedade nos revele a presença cons-

tante do Espírito Santo que continua agindo e “renovando a face da terra”. Como Igreja e como cristãos comprometidos, poderemos celebrar vivamente estes dons na Festa do eterno Pentecostes.

Pe. Mauro Domesi é Licenciado em Liturgia pela Pontifícia Universidade Santo Anselmo, em Roma; Coordenador dos subsídios permanentes para CEBs e grupos de rua da Região Episcopal Belém e Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e São Luciano.
Endereço:
Rua James Stolz, 267
Vila Ema - São Paulo
CEP 03277-010

18. Schmidt, ob. cit., p. 92.

19. Cf. *Revista Tempo e Presença*, CEDI, Nº 267, p. 11-13.

20. Comblin, J. *Théologie de la Ville*, Ed. Universitaires, Paris, 1968, p. 14.